

**O terrível limite da palavra**  
**Um encontro entre Benedito Nunes, Vilém Flusser e**  
**Clarice Lispector**  
*The terrible limit of the word*  
*A encounter between Benedito Nunes, Vilém Flusser and*  
*Clarice Lispector*

Rodrigo Antonio da Paiva DUARTE\*  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

**RESUMO:** O consagrado livro de Benedito Nunes sobre Clarice Lispector, cuja versão definitiva (e expandida) foi publicada em 1989, teve duas edições anteriores: a primeira publicada em 1966, com o título de *O mundo de Clarice Lispector*, e a segunda em 1973, intitulada *Uma leitura de Clarice Lispector*. A primeira versão, de 1966 chamou a atenção do filósofo Vilém Flusser, que escreveu e publicou no Suplemento Literário do Estado de São Paulo, em sua edição de 25/06/1966, uma entusiasmada resenha sobre o livro, na qual transparece o reconhecimento, por Flusser, de sua tese da proximidade possível entre a filosofia analítica da linguagem e o pensamento existencial. Nessa resenha, o filósofo tcheco-brasileiro avalia a contribuição de Nunes e de Lispector importante em nível mundial, declarando a necessidade de que a obra do filósofo belenense fosse traduzida para outros idiomas, de modo a alcançar um público mais amplo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heidegger, Wittgenstein, globo da língua, Língua e realidade

**ABSTRACT:** The celebrated book by Benedito Nunes on Clarice Lispector, whose definitive (and expanded) version was published in 1989, had two previous editions: the first one, published in 1966 with the title *O mundo de Clarice Lispector (Clarice Lispector's World)* and the second, entitled *Uma leitura de Clarice Lispector (A Reading of Clarice Lispector)* in 1973. The first version, from 1966, draw the attention of the philosopher Vilém Flusser, who wrote and published on the Suplemento Literário (Literature Supplement) of the Newspaper O Estado de São Paulo, in its issue of June 25th, 1966, an enthusiastic review about the book, in which Flusser recognizes his own thesis on the possible nearness between the analytical philosophy of language and the existential thought. In this review, the Czech-Brazilian philosopher evaluates Nune's and Lispector's contribution as relevant in a world basis, declaring the need that the work of the philosopher from Belém be translated into other languages, so that it could reach a wider audience.

**KEYWORDS:** Heidegger, Wittgenstein, the globe of language, Language and Reality

---

\* Professor Titular da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: roduarte@fafich.ufmg.br

Recebido em: 10/06/2021

Aceito em: 14/10/2021

“A palavra tem seu terrível limite.  
Para além desse limite está o caos orgânico. Depois do final da palavra começa  
o grande uivo eterno.”  
(Clarice Lispector, apud. Borelli, 1988, XXIII)

Na extensa produção de Benedito Nunes, composta de tratados (p. ex.: Nunes, 1986 e 1999), coletâneas de ensaios (p. ex.: Nunes, 1969, 1993, 1998 e 2009), livros didáticos (p. ex.: Nunes, 1986 e 1999), de divulgação (p. ex.: Nunes, 2002) e livros organizados pelo filósofo, com contribuições de outro(a)s autore(a)s (p. ex.: Nunes, 1994), destaca-se uma obra que, ao mesmo tempo, distingue o filósofo no cenário intelectual brasileiro e possui o histórico incomum de um livro que em mais duas décadas teve duas versões e publicações diferentes — inclusive com títulos diferentes — até atingir a forma final, numa terceira versão publicada em 1989 com o título definitivo de *O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector* (Nunes, 1989). A sua primeira versão, sob o título de *O mundo do Clarice Lispector*, apareceu em 1966 e uma versão reformulada surgiu em 1973 intitulada *Uma leitura de Clarice Lispector* (título que se tornou subtítulo da versão definitiva de 1989). O próprio Benedito, numa entrevista concedida a Ernani Chaves e Márcio Benchimol, destaca o fato de a versão de 1966 ter sido o seu primeiro livro publicado: “Até então, apesar dos artigos de filosofia, eu ainda não tinha publicado nenhum livro. O primeiro livro que publiquei foi ‘O mundo de Clarice Lispector’, editado em Manaus, pelo Arthur César Reis, que tinha sido meu professor aqui em Belém.” (Benchimol e Chaves, 2008, p.13).

Nunes prossegue, nessa mesma entrevista, relatando o longo processo que deu origem ao seu *Passagem para o poético. Filosofia e poesia em Heidegger* — vencedor do Prêmio Jabuti de 1987 —, que, diferentemente do livro sobre Clarice Lispector, apesar de ter tido a sua redação iniciada ainda na década de 1970, teve a sua edição definitiva (e até agora única) publicada em 1986. Sobre a demora no processo de produção ocorrida nas duas obras, Nunes declarou:

Então depois vieram as encomendas dos dois livros. O caso do (livro sobre) Heidegger foi muito diferente. Eu conhecia o Heidegger por leituras transversais. Eu achei que não era correto, não era uma coisa autêntica escrever alguma coisa sobre Heidegger sem conhecer alemão, sem poder ler em alemão. Então, ao mesmo tempo em que eu comecei a reler o Heidegger eu tomei uma professora de alemão. Isso foi nos anos 70. Quem tinha me encomendado isso, para uma coleção pequena que saiu durante algum tempo, alguns volumes só, foi o Silvano Santiago, que eu tinha conhecido em Paris em 60. Mas isto é uma outra história, a história das minhas viagens. Na verdade, os assuntos pra mim se tornam importantes e eu não honro muitos os prazos, aprendi a honrá-los mais pra cá. Então, eu ultrapassei todos os prazos. Até que cheguei ao momento em que o livro ficou pronto. (...) Nessa época eu conheci muita gente e o livro foi retomado pela Ática, e é esse que vocês conhecem como *Passagem para o Poético*. Essa foi a coisa mais trabalhosa que já fiz, em termos de dedicação. Isso porque fiquei muito tomado

pelo assunto. Como também no caso da Clarice. Porque os primeiros artigos que tinham sido coligidos nesse volume editado em Manaus foram completamente reformulados. Eu tinha dado uma versão muito existencialista para a Clarice. Eu achei que não estava certo, e aí reformulei tudo e resultou naquele livro “O Drama da Linguagem”, que é reformulação de um primeiro que eu havia publicado em São Paulo, “Uma leitura de Clarice Lispector”, numa coleção pequena que não durou muito (Benchimol e Chaves, 2008, p.14).

Deve-se levar em conta que o juízo, feito por Nunes, sobre a incorreção da “versão muito existencialista” que ele havia conferido ao seu enfoque sobre Clarice Lispector relaciona-se com outra passagem da entrevista supramencionada, na qual Nunes relata a situação em que ocorreu uma palestra sobre o existencialismo que ele proferiu na Faculdade de Direito, em Belém, ainda como aluno do seu curso de graduação:

Voltando para a minha situação, antes de terminar o curso de direito, eu fiz uma palestra no salão da faculdade (de direito), que era ainda no Largo da Trindade. Não sei se a denominei O existencialismo, ou As filosofias da existência ou As correntes existencialistas. E o diretor da faculdade que já ocupava o cargo há muito tempo e que era muito cordial, me disse: – “olha, eu vou assistir, eu quero ver o que você vai dizer”. Ele estava pensando no existencialismo da propaganda jornalística, que era o existencialismo do tabu, de Paris, frequentado pelo Sartre. Quando ele viu que a coisa não era pra esse lado ele ficou muito desgostoso (Benchimol e Chaves, 2008, p.11-12).

O lado para o qual a coisa já começara a ir desde aquele início da década de 1950 era não o existencialismo sartreano, mas uma filosofia da existência de base ontológica, fortemente associada à linguagem, tal como aparece em *Ser e Tempo*, de Heidegger, cuja leitura, ainda numa tradução espanhola fascinara Nunes: “A linguagem, o modo de envolvimento da existência, a noção mesma de existência... tudo isso que correspondeu já a uma saída do campo religioso e que me levou à filosofia, e me deu também uma compreensão antropológica de religião (...)” (Benchimol e Chaves, 2008, 15). Nesse sentido, a partir da supramencionada encomenda do livro sobre Heidegger e, conseqüentemente, tanto da intensificação do estudo da obra desse autor quanto do início do estudo do idioma alemão, Nunes foi se distanciando progressivamente do existencialismo sartreano e imergindo cada vez mais numa filosofia da existência de base ontológica, tão característica do pensador da Floresta Negra. Como relatado pelo próprio Nunes, o resultado de longo prazo dessa imersão foi o seu livro *Passagem para o poético. Filosofia e poesia em Heidegger*, que, sem sombra de dúvida, é o seu texto de maior fôlego teórico, na medida em que considera a volumosa e densa obra de Heidegger como um todo, desde o período de adesão à fenomenologia husserliana e sua tese de doutorado sobre Duns Scotus, passando por uma detida análise de *Ser e tempo* e pela abordagem de outros escritos intermediários, até a *Origem da obra de arte* — livro no qual se encontra a principal contribuição heideggeriana para a filosofia da arte. Vale lembrar que essa contribuição se insere, antes, num percurso que,

partindo da analítica do ser-aí, em *Ser e tempo*, termina por descortinar a poesia como corolário de um processo, no qual a natureza ontológica da linguagem é revelada e confirmada pelo elemento poético, no bojo de algo que pode ser percebido como uma crise na cultura ocidental:

Enquanto realização da Filosofia, o acabamento da Metafísica, que se efetua como absorção do saber filosófico pelas ciências, também se concretizaria como *passagem para o poético* pelo pensamento liberado no dizer essencial da linguagem: a palavra dos poetas da poesia e dos pensadores-poetas, que releva da mesma ordem originária de que provém a questão do sentido do ser, desde a sua forma inicial interrogativa, de pergunta contínua, reflexiva e autoproblematizante, na Analítica do Dasein (Nunes, 1986, p.279-80).

Mas a tendência à superação por Nunes de uma posição inicialmente mais influenciada pelo existencialismo sartreano em benefício de um pensamento existencial sobre a linguagem bem mais próximo da ontologia heideggeriana foi algo que se revelou, no livro sobre Clarice Lispector, de um modo não isento ambiguidades e reticências, a ponto de Nunes aceitar que “Muitos de seus registros específicos estão intimamente ligados (...) a certos tópicos da filosofia da existência, e mais particularmente ao existencialismo sartriano” (Nunes, 1989, 100). Mas, o que, para Nunes, se torna realmente notável é que isso não configura um posicionamento filosófico posição da autora, no sentido de conferir profundidade filosófica à sua obra, mas, antes, de uma afinidade eletiva profundamente enraizada na escrita de Lispector. Segundo ele,

Admitir esse relacionamento não implica admitir-se a interferência direta (ou a influência) de uma dada filosofia sobre a escritora, para explicar (ainda que essa influência pudesse ser determinada como matéria de fato) os aspectos peculiares de sua criação literária. Trata-se de uma afinidade concretizada no âmbito da *concepção de mundo* de Clarice Lispector, mas que não determina de fora para dentro essa concepção (Nunes, 1989, 100).

Um indício, porém, da supra-aludida superação progressiva do enfoque da obra de Clarice Lispector a partir do existencialismo sartreano, por parte de Nunes, se encontra logo na página seguinte, num trecho em que o autor destaca o sobrepeso da objetividade na disposição inicialmente subjetiva dos indivíduos enquanto parte considerável dos conflitos que ensejam o fenômeno que dá título à versão final dessa obra, a saber, o “drama da linguagem”. Segundo o autor,

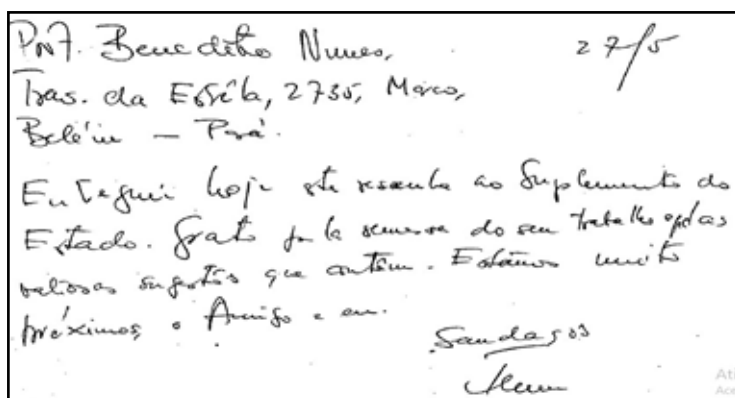
O valor da náusea em Clarice Lispector remete-nos a uma atitude perante as coisas e o ser em geral, que difere da sartriana. Conforme veremos, a perspectiva mística suplanta a existencial inerente à temática da obra. Mas em consequência disso, a subjetividade, e portanto a experiência interior, perderão o privilégio ontológico que o existencialismo propriamente dito lhes outorga. As relações práticas parecem consolidar e agravar, no mundo de Clarice Lispector, uma alienação sem remédio enraizada na própria existência individual (Nunes, 1989, p.101).

Quando Nunes se refere a uma “alienação sem remédio” no tocante à superação da ênfase de tipo existencialista na subjetividade, é difícil não se pensar na conexão da sua abordagem

da obra literária de Clarice Lispector com o — cronologicamente paralelo ao aparecimento de suas sucessivas versões — aprofundamento no estudo da obra de Heidegger, o qual resultou no livro *Passagem para o poético*. E, de fato, nesse livro aparecem vários enfoques do tema da alienação, correspondente no pensamento de Heidegger, à chamada “inautenticidade”, dentre os quais se destaca a encruzilhada do ser-aí, diante das possibilidades de se ganhar ou se perder, em meio a um mundo tendente à objetivação e reificação crescentes:

Desse modo, a investigação teórica assume o Dasein em sua possibilidade de ganhar-se ou de perder-se, de ser ou de não ser si-mesmo. Retomando a busca que a possibilita, ela também acompanhará as duas alternativas, a de *perda* e a de *apropriação* do Dasein por si e para si mesmo, que a levam a passar das expressões autênticas às expressões inautênticas da existência, mas à procura dos caracteres de ser ou das estruturas que constituem o ser-no-mundo (Nunes, 1986, p.84).

É interessante observar que a primeira versão do livro sobre Clarice Lispector, que não satisfizera Nunes, a ponto de ele, como consta no seu próprio relato, ter “reformulado tudo”, chamou muito positivamente a atenção de outro filósofo, tcheco nato e brasileiro naturalizado — Vilém Flusser —, que colaborava frequentemente no Suplemento Literário do Estado de São Paulo, no qual o próprio Nunes também publicava seus artigos. Aparentemente, esse havia enviado àquele uma cópia de *O mundo de Clarice Lispector*, tendo em vista o cartão enviado por Flusser em agradecimento à remessa e comunicando que enviara a resenha para publicação:



Prof. Benedito Nunes, 27/5  
Tras. da Escola, 2730, Marco,  
Belém - Pará.  
Entreguei hoje esta resenha ao Suplemento do  
Estado. Grato pela remessa do seu trabalho e pelas  
valiosas sugestões que contém. Estamos muito  
próximos, o Amigo e eu.  
Saudações  
Flusser

A transcrição do conteúdo do bilhete é a seguinte: “Prof. Benedito Nunes, (endereço). Entreguei hoje esta resenha ao Suplemento do Estado. Grato pela remessa do seu trabalho e pelas valiosas sugestões que contém. Estamos muito próximos, o Amigo e eu. Saudações, Flusser”. De acordo com o dito na correspondência, Flusser anexara o datiloscrito de sua recensão, a qual, de fato, foi publicada na edição de 25/06/1966 do Suplemento Literário do “Estadão” (ver fotocópia em anexo).

Trata-se de um comentário muitíssimo elogioso, vindo de um autor conhecido por “não ter papas na língua” e ter feito inimizades no ambiente cultural paulistano dos anos 1960 por nunca ter se furtado a dar a sua opinião sincera sobre tudo que tomava por objeto para os seus textos. O tom “muito existencialista” que Nunes dera à sua abordagem na primeira versão do livro sobre Lispector

parece não ter incomodado de modo algum Flusser, sendo que ele, mesmo tendo sido muitíssimo influenciado pela filosofia da existência e pelo existencialismo na sua formação, chega a declarar que “A análise existencial da náusea compreendida por Heidegger e Sartre peca por falta de radicalidade”, sendo que, na leitura de Nunes, “para Clarice Lispector, (muito mais radical), é a náusea o ‘início de um roteiro de experiência mística (sumamente heterodoxa, por certo), que culmina no êxtase do absoluto idêntico no nada, e termina reticentemente pela desistência da compreensão e da linguagem, o que vem a ser uma forma de consagrar e civilizar o silêncio”” (Flusser, 1966, p.2).

A razão para Flusser ter descrito a sua reação imediata ao livro de Nunes como um “choque” encontra-se, provavelmente, no fato de ele ter compreendido o enfoque que aquele faz da obra de Lispector como tangenciando uma tese, que desde a redação e a publicação de *Língua e realidade* na primeira metade da década de 1960, lhe é muito cara, a saber, a fecundidade da aproximação entre os modos de pensamento existencial e formalístico no sentido de compreender corretamente a densidade ontológica da linguagem. Na resenha sobre o livro de Nunes, Flusser afirma que,

O autor demonstra a sua tese amplamente, recorrendo a passagens das quatro obras citadas. Creio que convence. Mas o que importa, a meu ver, é ter ele articulado a tese. É a própria tese que choca e emociona. Lança mais uma ponte entre o pensamento existencial e formalístico, ao demonstrar que ambos se encontram e fundem, quando suficientemente prolongados. Aparentemente há um abismo que separa Sartre de Wittgenstein, que separa a análise, que separa a análise da vivência da análise de sentenças. Mas uma radicalidade suficiente transpõe o abismo. Porque a sentença é a estrutura que se lança debaixo, sobre a vivência para captá-la. Se me limito à análise da vivência, falho, porque sou forçado a recorrer a sentenças inadequadas. Se me limito à análise das sentenças, falho, porque a vivência me escapa. Mas se verifico, nas palavras de Clarice Lispector, que “a linguagem é meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias”, se verifico isto, encontro o que há no além da violência e da sentença. (Flusser, 1966, p.2)<sup>1</sup>.

Muito provavelmente, Flusser ficou “chocado” e “emocionado” com a abordagem de Lispector, feita por Nunes, porque na mencionada obra *Língua e realidade*, ele propõe que a linguagem seja entendida como a própria geradora da realidade *tout court*, no âmbito de um posicionamento filosófico *sui generis*, segundo o qual o Wittgenstein do *Tractatus Logico-Philosophicus* se funde com algumas articulações relativas à linguagem presentes — não em Sartre, mas — em *Ser e tempo*, de Heidegger. Nesse enfoque, o caos relacionado com os potenciais estímulos dados à nossa percepção não mereceria ainda o *status* de realidade, na medida em que lhe faltaria, enquanto relacionado apenas aos sentidos, um princípio organizador que trouxesse à tona certo grau de coerência que seria imprescindível para a aquisição daquele *status*. Esse princípio se encontra na capacidade humana de compreender racionalmente, de pensar; sendo que o fundamento dessa capacidade reside em nossa habilidade para manipular conceitos.

Porém, para Flusser, essas representações não possuem existência para além daquela que percebemos enquanto palavras, de modo que, ainda segundo ele, ou a própria realidade se

---

<sup>1</sup> O trecho de Clarice Lispector, citado por Flusser, encontra-se em *A paixão segundo G.H.* (Lispector, 2020, 177).

compõe de palavras ou não é nada. O que Flusser denomina “dados brutos”, a saber, percepções visuais, auditivas, olfativas, táteis etc. ou bem se converterão em palavras e frases, constituindo, a partir de entanto, uma “realidade” propriamente dita, ou se perderão novamente no caos das percepções desorganizadas e se reduzirão ao nada:

A grande maioria daquilo que forma e informa nosso intelecto, a grande maioria das informações ao nosso dispor consiste em palavras. Aquilo com que contamos, o que compilamos e comparamos, e o que computamos, enfim, a matéria-prima do nosso pensamento, consiste, em sua maioria, de palavras. (...) Além de palavras, os sentidos fornecem outros dados. Estes se distinguem das palavras qualitativamente. São dados inarticulados, isto é, imediatos. Para serem computados, precisam ser articulados, isto é, transformados em palavras. (...) Como os dados “brutos” alcançam o intelecto propriamente dito em forma de palavras, podemos ainda dizer que a realidade consiste de palavras e de palavras *in statu nascendi*. Com essa afirmativa teremos assumido uma posição ontológica (Flusser, 2004, p.40).

Essa posição ontológica consiste, para Flusser, na afirmação de que não há realidade fora da língua, já que qualquer consideração posterior sobre a natureza dessa já pressuporia sua existência, de modo que o que é exterior à língua — percepções sensoriais não articuladas intelectualmente e mesmo as palavras soltas, não sintaticamente ordenadas — deveria ser considerado apenas como o que compõe as “bordas” da realidade, o que é apenas potencialmente real. O modo pelo qual são organizadas as palavras (ou unidades linguísticas equivalentes) numa determinada língua constitui uma realidade específica, fato que leva Flusser a acreditar que não apenas os grandes grupos linguísticos, os quais distinguem as línguas flexionais, das isolantes e das aglutinantes, pressupõem e engendram realidades diferentes, mas, mesmo dentro de cada grupo, os diferentes idiomas constituem, analogamente, realidades diferenciadas entre si.

Levando isso em consideração, Flusser propõe que cada língua constitui um mundo próprio e que existem tantos mundos quantas línguas há em nosso planeta. Desse modo, a possibilidade de tradução de uma língua em outra é compreendida como uma ponte erigida de um mundo a outro, sobre o abismo do nada. De acordo com o filósofo, somente por desconsiderarmos normalmente essa característica da língua, tendemos a pensar na possibilidade de uma língua universal, única, na qual os substantivos se identificariam com as “substâncias”, os adjetivos com os seus atributos, as preposições e as conjunções com as “relações entre substâncias” e os verbos com os “processos modificando substâncias”.

Segundo Flusser, essa identificação só vale efetivamente para línguas flexionais e não se aplicam nem a línguas isolantes, como o chinês e o tailandês, nem às aglutinantes, como o finlandês, o húngaro e o turco. Esse fato constrange à relativização da lógica formal enquanto uma disciplina aplicável ao pensamento em geral, circunscrevendo-a, mesmo assim limitadamente, às línguas tipicamente flexionais: Dizendo, como estamos, que a análise clássica não é aplicável a línguas a não ser flexionais, e que, mesmo no caso das línguas flexionais, ela é aplicável com reservas, estamos negando a validade universal da lógica. Longe de ser uma disciplina do

espírito humano, ela aparece como disciplina do espírito regido por línguas flexionais, e mais especialmente por línguas indo-européias do ramo *kentum* (Flusser, 2004, 44).

Foi dentro desse marco fornecido pela identificação entre realidade e língua que Flusser se sensibilizou tão fortemente com a percepção e os comentários, por Nunes, das propostas ontológicas associadas à linguagem presentes na produção literária de Clarice Lispector. Tal sensibilidade, por parte de Flusser, se torna mais clara quando se compreende sua proposta sobre esse tipo de associação, a qual, por sua vez, se liga ao diagrama comumente conhecido como “globo da língua”, proposto pelo filósofo, em *Língua e realidade*, como ilustração de sua ideia mestra da língua enquanto realidade, de acordo com a figura abaixo:



Nesse diagrama, cujas referências geográficas, obviamente, não correspondem ao globo terrestre, Flusser indica o “equador” como o eixo da língua enquanto coincidente com a própria realidade, acima e abaixo do qual se encontram, respectivamente, a conversação e a “conversa fiada”, denotando, por um lado, a comunicação enriquecedora e, por outro, as articulações vazias da linguagem. No que seria o “hemisfério norte”, i.e., acima da conversação, se encontra a “poesia”, que, para Flusser, significa a atividade criadora, ampliadora da realidade — enquanto intensificadora do uso da língua —, cujo impulso original não se liga apenas à arte, mas também à filosofia e até mesmo às ciências. O seu simétrico no “hemisfério sul”, correspondente ao que o Flusser entende como “inautenticidade”, consiste no que ele denomina “salada de palavras”, indicando a desarticulação própria de estados próximos à incapacidade mental. Vale o registro de que o que Flusser entende por “inautenticidade” é muito próximo da noção desenvolvida em *Ser e tempo* e utilizada por Nunes para abordar momentos cruciais da literatura de Clarice Lispector.

Mas, seguindo com a análise do “globo da língua”, enquanto no “hemisfério norte”, a oração corresponde a um estado de murmúrio voluntariamente assumido tendo em vista a contemplação do absoluto, no “hemisfério sul”, o balbucio deve ser compreendido como fruto



da inaptidão para enunciar frases, semelhante à dos bebês que ainda não aprenderam a falar. Nos polos norte e sul desse globo encontra-se o silêncio, ainda que de naturezas essencialmente diferentes. Enquanto no primeiro, ele é “wittgensteiniano”, i.e., produto de um longo percurso de atividade intelectual, no “polo sul”, ele coincide com uma existência apenas potencial que pode até mesmo não alçar aos estágios mais elevados. Poder-se-ia dizer, com Flusser, que é um “silêncio inautêntico”.

Foi tendo em vista esse lastro linguístico-ontológico, explicitado no “globo da língua”, que Flusser avaliou o enfoque filosófico de Nunes e o alcance ontológico da literatura de Lispector, revelado por sua análise, como relevantes tem termos mundiais, na medida em que contribuem para a identificação e o equacionamento de impasses vividos pela cultura ocidental, na qual o Brasil, ainda que enviesadamente, se encontra inserido:

O presente ensaio é uma contribuição para a temática fundamental da nossa cultura. Procura superar o impasse no qual se encontra atualmente o Ocidente, ao procurar combater simultaneamente o intelectualismo e anti-intelectualismo que nos caracterizam. A prova da maturidade e da universalidade do pensamento brasileiro. Tanto Clarice Lispector, quanto Benedito Nunes participam significativamente da conversação geral que se desenvolve no Ocidente. Merece o presente ensaio não apenas uma distribuição ampla no Brasil, mas também traduções para outras línguas. Deve ser respondido pelas múltiplas sugestões e provocações que lança. A contracapa do livro informa que “este livro é uma contribuição à cultura regional da Amazônia.” Será ironia? (Flusser, 1966, p.2)

A ironia parece ser, antes, do próprio Flusser, pois foi a situação de Nunes — um filósofo do norte do Brasil, então ainda muito desconhecido no resto do país, principalmente no sudeste, onde se encontrava a maioria das grandes editoras — e não a escolha pessoal sua por uma edição feita pelo governo do Amazonas, voltada para “cultura regional” do estado. Mas a manifestação de Flusser tem um sentido não imediatamente perceptível, que é o seu reconhecimento pelo trabalho de Nunes, a ponto de achar que o livro sobre Clarice Lispector deveria ser traduzido para outras línguas e publicado também no exterior, ao mesmo tempo em que abordava uma escritora que, embora nascida na Ucrânia, professava uma identidade totalmente brasileira.

Essa situação remete às acirradas críticas que Flusser fazia sistematicamente aos intelectuais brasileiros — talvez especialmente os filósofos —, que viviam correndo atrás de novidades europeias e não abordavam em seus escritos fenômenos significativos da cultura brasileira. Na sua *Fenomenologia do brasileiro*, redigida poucos anos depois da publicação da resenha sobre o livro de Nunes, há uma passagem que se refere aos fenômenos das artes plásticas brasileiras do período, mas que, no seu espírito, poderia muito bem se referir à literatura nacional:

Uma das mais lamentáveis falhas da filosofia brasileira é a de não se dedicar a estes fenômenos com disciplina (embora existam exposições, como a Bienal de São Paulo, Simpósios e Escolas de Arte que parecem trocar a filosofia). Em vez de dedicar-se a estéticas de Hegel (ou Bense), e analisar textos academicamente, urge analisar tais

obras (Flusser, 1998, 149).

Naturalmente, Flusser não se referia a uma hipotética *creatio ex nihilo* por parte dos filósofos brasileiros preocupados com a compreensão em profundidade de sua própria cultura, mas a enfoques que, como Nunes exemplarmente realizou com relação à ontologia heideggeriana, poderiam se valer de pensadores europeus para desvendar aspectos antes insuspeitados de objetos estéticos muito bem ancorados na realidade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BORELLI, Olga: “Liminar”, in: Clarice Lispector, **A Paixão segundo G. H.** Edição crítica, Coordenação de Benedito Nunes. Florianópolis: Editora UFSC, 1988.
- CHAVES, Ernani and Márcio Benchimol. “Entrevista com Benedito Nunes”. **Trans/Form/Ação**, 31,1: (2008): 9-23 .
- FLUSSER, Vilém. Benedito Nunes: “O Mundo de Clarice Lispector”. In: **O Estado de São Paulo**, Suplemento Literário, Nr. 483, 25.6.1966, p. 2.
- FLUSSER, Vilém. **Fenomenologia do brasileiro. Em busca de um novo homem.** Rio de Janeiro, 1998.
- FLUSSER, Vilém. **Língua e Realidade**, São Paulo, Annablume, 2004.
- Lispector, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro, Rocco, 2020.
- NUNES, Benedito. **A clave do poético.** São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- NUNES, Benedito. **A crise do pensamento. Ciclo de preleções.** Belém, Editora Universitária UFPA, 1994.
- NUNES, Benedito. **Crivo de papel.** São Paulo, Editora Ática, 1998.
- NUNES, Benedito. **Do Marajó ao arquivo. Breve panorama da cultura do Pará.** Belém, Secult/PA-Ed.UFPA, 2012.
- NUNES, Benedito. **Filosofia Contemporânea.** 2ª edição, Belém, Ed.UFPA, 2019.
- NUNES, Benedito. **Heidegger e Ser e Tempo.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002.
- NUNES, Benedito. **Hermenêutica e poesia. O pensamento poético.** Belo Horizonte, Editora UFMG, 1999.
- NUNES, Benedito. **No tempo do niilismo e outros ensaios.** São Paulo, Editora Ática, 1993.
- NUNES, Benedito. **O Dorso do Tigre.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1969.
- NUNES, Benedito. **O drama da linguagem.** São Paulo, Editora Ática, 1989.
- NUNES, Benedito. **Passagem para o Poético. Filosofia e Poesia em Heidegger.** São Paulo, Editora Ática, 1986.

## LITERATURA

Benedito Nunes, O MUNDO DE CLARICE LISPECTOR, Edições Góvêrno do Estado do Amazonas, 1966, 77 págs.

A leitura do pequeno ensaio epígrafado causa um choque. A presente resenha pretende comunicar esse choque aos leitores. Trata-se de uma análise de quatro trabalhos de Clarice Lispector: "Perto do Coração Selvagem", "Laços de Família", "A Maçã no Escuro" e "A Paixão segundo G. H.". Os capítulos que estruturam o ensaio dão uma idéia do enfoque. São estes: "A Náusea", "Experiência mística de G. H.", "A Estrutura dos personagens", "A existência absurda" e "Linguagem e Silêncio". A tese que o autor defende é esta:

A análise existencial da náusea empreendida por Heidegger e Sartre peca por falta de radicalidade. Para estes analisadores é a náusea "o modo absurdo de repetir a fascinação do Absurdo que torna o mundo insuportável e repelente". Para Clarice Lispector (muito mais radical) é a náusea o "início de um roteiro de experiência mística (sumamente heterodoxa por certo), que culmina no êxtase do Absoluto idêntico ao Nada, e termina reticentemente pela desistência da compreensão e da linguagem, o que vem a ser uma forma de consagrar e divinizar o Silêncio". Temos, em Clarice Lispector, uma voz que penetra pela análise existencial e fenomenológica de determinadas situações nojentas até o reino do indizível.



Clarice Lispector

O autor demonstra a sua tese amplamente, recorrendo a passagens das quatro obras citadas. Creio que convence. Mas o que importa, a meu ver, é ter ele articulado a tese. É a própria tese que choca e emociona. Lança mais uma ponte entre o pensamento existencial e formalístico, ao demonstrar que ambos se encontram e fundem, quando suficientemente prolongados. Aparentemente há um abismo que separa Sartre de Wittgenstein, que separa a análise da vivência da análise de sentenças. Mas uma radicalidade suficiente transpõe o abismo. Porque a sentença é a estrutura que se lança, de balde, sobre a vivência para captá-la. Se me limite à análise da vivência, falho, porque sou forçado a recorrer a sentenças inadequadas. Se me limite à análise das sentenças, falho, porque a vivência me escapa. Mas se verifico, nas palavras de Clarice Lispector, que "a linguagem é meu esforço humano, por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias", se verifico isto, encontro o que há no além da vivência e da sentença. Verifico, nas palavras de Clarice Lispector, que "só quando falha a construção, é que obtinha o que ela não conseguia".

Benedito Nunes diz, com efeito, que a derrota da vivência pela náusea e do pensamento pela análise é a abertura para o indizível. Que se trata de dois métodos negativos que, ao se encontrarem, tornam-se positivos. Que há, atualmente, uma religiosidade duplamente negativa. E que essa dupla negação, tanto do mundo da vivência como do mundo do pensamento, resulta numa visão que se assemelha à união mística do Oriente e Ocidente.

O presente ensaio é uma contribuição para a temática fundamental da nossa cultura. Procura superar o impasse no qual se encontra atualmente o Ocidente, ao procurar combater simultaneamente o intelectualismo e anti-intelectualismo que nos caracterizam. É prova da maturidade e da universalidade do pensamento brasileiro. Tanto Clarice Lispector

quanto Benedito Nunes participam significativamente da conversação geral que se desenvolve no Ocidente. Merece o presente ensaio não apenas uma distribuição ampla no Brasil, mas também traduções para outras línguas. Deve ser respondido pelas múltiplas sugestões e provocações que lança. A contracapa do livro informa que "este livro é uma contribuição à cultura regional da Amazônia". Será ironia? V.F.